



Velhice e deficiência: Luzes no fim do túnel!

Vejez y discapacidad: ¡luz al final del túnel!

Aging and disability: A light at the end of the tunnel!

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

jvgrenart@gmail.com

Recibido: 15 de junio de 2022

Aceptado: 18 de diciembre de 2023

Resumo

Embora seja óbvia a relação que há entre a velhice e a deficiência, ela nem sempre é levada a sério, o que confirma a regra: nem sempre o que está diante dos olhos é fácil de ser visto com a devida clareza. Para muitos, ficar velho e tornar-se deficiente são coisas que “só acontecem com os outros”. A proposta central deste artigo é deixar claro que a velhice e a deficiência são realidades interligadas. A única maneira de evitar a velhice é morrer jovem; a única forma de evitar todas as formas de deficiência é envelhecer com a mesma saúde e resistência que se tinha na juventude – o que não chega a ser impossível, mas é raríssimo. Seja como for, existe luz no fim do túnel para todos nós.

Palavras-chave

Velhice — Deficiência — Tecnologia assistiva — Esperança — Contracultura

Resumen

Si bien la relación entre la vejez y la discapacidad es obvia, no siempre se la toma en serio, lo que confirma la regla: lo que está frente a los ojos no es fácil de ver con la debida claridad. Para muchos, envejecer y quedar discapacitado son cosas que “solo les pasan a los demás”. La propuesta central de este artículo es dejar en claro que la vejez y la discapacidad son realidades interconectadas. La única forma de evitar la vejez es morir joven; la única manera de evitar todas las formas de discapacidad es envejecer con la misma salud y fuerza que uno tuvo en la juventud, lo cual no es imposible, pero sigue siendo muy raro. De cualquier manera, hay luz al final del túnel para todos nosotros.



Palabras claves

Envejecimiento — Discapacidad — Tecnología de asistencia — Contracultura — Esperanza

Abstract

Although the relationship between old age and disability is obvious, it is not always taken seriously, thus confirming the rule: what is in front of the eyes is not easy to be seen with due clarity. For many of us, getting old and becoming disabled are things that “only happen to others”. The proposal put forward here is to make it clear that old age and disability are interconnected realities. The only way to avoid old age is to die young; the only way to avoid each and every form of disability is to age with the same health and strength that one had in youth, which is not impossible, but it is quite rare. Either way, there is light at the end of the tunnel for all of us.

Keywords

Aging — Disability — Assistive technology — Counterculture — Hope

“Ame e respeite os idosos, mesmo porque
você também está envelhecendo”.

Aprana Verma

“Cada pessoa deficiente é, antes de tudo,
um indivíduo”.

Itzhak Perlman

O “ismo” da idade

“What a drag it is getting old” (“Que chatice é estar ficando velho”), clamavam os Rolling Stones em 1966, auge da Contracultura, na canção *Mother’s little helper*, composta pela dupla Jagger/Richards, hoje em dia na casa dos 80 anos de idade e 60 de carreira. Carente de uma palavra específica que determine a discriminação decorrente da idade avançada, a língua portuguesa adaptou o termo inglês *ageism* ao nosso padrão lexical. Dessa adaptação surgiu, em nosso idioma, o “ageísmo” (junção de *age*, que é “idade”, em inglês, com o sufixo *-ismo*, que tem origem grega) como denotativo do “ismo” da idade. Coincidência ou não, “ageism”

é um neologismo nascido em plena era anticultural, mais precisamente em 1969, e seu criador foi o médico e psiquiatra norte-americano Robert Neil Butler (1927-2010), tornado célebre por sua defesa em prol dos direitos dos idosos.

Em contrapartida, não havia necessidade, entre nós, de recorrermos ao anglicismo e nem ao aportuguesamento, uma vez que “ageísmo”, na prática, quer dizer o mesmo que “discriminação etária”, “discriminação generacional”, “etaísmo”, “idadismo” ou “etarismo”, todas elas palavras ou expressões indicativas de segregamento contra as pessoas idosas. Em tese, como se vê, a conceituação não específica qual a faixa de idade discriminada, o que significa que pode ser qualquer uma; subentende-se, porém, que essa faixa é a dos idosos que, de acordo com as Nações Unidas, começa aos 65 anos de idade e termina com a morte.

A contracultura, como o nome já indica, opõe-se aos valores tradicionais da cultura do Ocidente, em particular, a moralidade, religiosidade e a família. Seus antecedentes são muito antigos; percorrem os séculos e os milênios. Entretanto, sua configuração como fenômeno específico, tal como o entendemos hoje em dia, passa a existir apenas nos anos 1950, época em que ocorreu ao sociólogo norte-americano John Milton Yinger (1916-2011) dar-lhe esse nome.¹ A literatura sobre o assunto é vasta e escapa ao perímetro temático que nos congrega nestas linhas, voltadas como estão para o binômio envelhecimento/deficiência. Detenhamo-nos, pois, na análise deste aspecto da contracultura que é a *ausência de uma causa específica da parte dos seus adeptos*. A passagem seguinte, escrita pelo historiador alemão Willi Paul Adams, é elucidativa a esse respeito:

Nos EUA da década de 1950, embora o número de estudantes que frequentavam as escolas de ensino superior e as universidades fosse muito elevado, a população estudantil mantinha uma atitude surpreendentemente pouco crítica em face da sociedade que a rodeava. A única exceção foi um pequeno movimento que rechaçava os valores estabelecidos pela classe média branca. A *Beat Generation*, como se chamou, inclinou-se pelo budismo Zen e pelo estilo de vida dos negros americanos, adotando o misticismo, a linguagem, a música e os costumes do

¹ Cf. John Milton Yinger, “Contraculture and subculture”, *American Sociological Review* 25, 5 (outubro de 1960): 625-635.

gueto, no intento de criar sua própria identidade. Grande parte de sua rebelião carecia de objetivos, sendo sua máxima preocupação a de que cada um pudesse desenvolver-se e expressar-se livremente. A disposição e o comportamento dos *beats* foi captado por Jack Kerouac em seu romance *On the Road* (1957) e por Gregory Corso, Lawrence Ferlinghetti e Allen Ginsberg em suas poesias. Suas estrelas cinematográficas – que, sem dúvida, não teria aceito essa expressão – foram os anti-heróis e os rebeldes *sem causa* [os itálicos são meus] encarnados por James Dean e Marlon Brando.²

O denominador comum no movimento hippie, no psicodelismo, no uso de drogas alucinógenas, nos protestos contra a Guerra do Vietnã, no “é proibido proibir” e no “*sex, drugs and rock and roll*” é este e não outro: a falta de uma causa definida; queria-se destruir uma civilização (com suas tradições e valores), mas nada de propriamente bom e construtivo havia para oferecer em troca. Não por acaso, uma das principais correntes de pensamento contraculturais chama-se *desconstrutivismo*, cujo nome já diz quase tudo. O *quase* se deve a certa imprecisão terminológica; mais honesto seria chamá-lo de *destrucionismo*, pois seu propósito é a mera *destruição* do edifício civilizatório do Ocidente, para cuja construção e defesa nunca faltaram sangue, suor e lágrimas.

Isso não é tudo: longe de oferecer algo de positivo para substituir os escombros daquilo que destroem, os *destrucionistas* oferecem, isto sim, mais destruição. Nem o mongol medieval Gêngis Cã conseguiu causar tantos danos à humanidade quanto o argelino do século XX Jacques Derrida e outros intelectuais do mesmo calibre têm causado nas últimas décadas, com suas ideias destrutivas. *Delenda est omnia*: eis o que querem esses novos Catões. Quanto à destrutividade que podem conter as ideias, atentemos para o que diz o pensador norte-americano Benjamin Wiker (1960):

“Nada há que seja tão absurdo”, caçoava Cícero, filósofo e estadista da antiga Roma, “que não possa ser dito por um filósofo”. Infelizmente, os absurdos dos filósofos não se limitam às aulas de sofística e às suas especulações excêntricas. [...] Eles podem ser — e têm sido — tão perigosos e nocivos quanto as doenças mortais, e, como doenças, tais ideias letais podem infectar as pessoas sem que

² Willi Paul Adams, *Los Estados Unidos de América* (México/Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2004), 370-371.

elas percebam. Essas ideias, geralmente não identificadas, pairam no ar intelectual que respiramos. Se dermos uma boa e sóbria olhada nos efeitos horríveis dessas ideias mortíferas, só poderemos chegar a uma conclusão: há livros que realmente estragaram o mundo – livros sem os quais estaríamos bem melhor agora. Isso não deveria ser nada chocante, exceto para aqueles que não creem que as ideias têm consequências. O eminente ensaísta escocês Thomas Carlyle, também filósofo, foi repreendido certa vez num jantar festivo porque não parava de tagarelar sobre livros: “Ideias, Sr. Carlyle, ideias, nada além de ideias!”. Ele respondeu: “Houve outrora um homem chamado Rousseau, que escreveu um livro contendo nada além de ideias. A segunda edição foi impressa na pele daqueles que riram da primeira”. Carlyle estava certo: Jean-Jacques Rousseau escreveu um livro que inspirou a crudelíssima Revolução Francesa (e coisas ainda mais destrutivas que aconteceram depois dela).³

Tipicamente contracultural é a ideia (para a qual não faltam precedentes na Antiguidade)⁴ de que o novo é bom simplesmente por ser novo e de que o velho (ou tradicional), por ser velho (ou tradicional), é ruim. Claríssimo está que esse modo de ver as coisas em nada favorece os idosos, muito pelo contrário.

Homem de caráter irreprovável, filósofo genial, patriota à toda prova e herói da Guerra do Peloponeso (431-404 a. C.), Sócrates, já septuagenário, pagou com a vida por seu “tradicionalismo”; foi por respeito às leis de Atenas que preferiu a morte à desonra e ao mau exemplo.⁵ O enhecimento da juventude, essa fase tão breve da vida humana —ela mesma um exemplo de brevidade—, está entre as causas principais da ruína de Atenas e do próprio mundo grego.

O mesmo se passa com a sociedade atual. A propósito... que juventude é essa? Quanto tempo ela dura? Avaliemos. Na maior parte das vezes, a infância e a adolescência são marcadas pela ansiedade por um limite erário que ainda não foi atingido; anseia-se por alcançar a vida adulta (ou

³ Benjamin Wiker, *10 livros que estragaram o mundo e outros cinco que não ajudaram em nada* (Campinas: Vide Editorial, 2015), 9.

⁴ Cf., por exemplo, Guillermo Fraile, *Historia de la filosofía: Grecia y Roma* (Madri: B.A.C., 1965), 224-225 et passim.

⁵ Cf. *ibid.* Sobre Sócrates escreveu recentemente o poeta brasileiro Salgado Maranhão: “Tu não lutaste contra humanos ou contra Delfos, mas contra a sombra inculta que ainda agora inunda o teu clamor e que é muito pior do que o império da cicuta”. Salgado Maranhão, *Voz que vem dos poros* (Rio de Janeiro: Malé, 2003), 201.

maioridade, se preferirmos – que, no Brasil, equivale a 18 anos de idade) para que se comece a “ser dono do próprio nariz”. Por volta dos 27 anos, começam as inquietações, pois já se está próximo da casa dos 30, que é prenúncio daquela dos quarenta, estigmatizada como é pelo sufixo “enta”, que nos acompanhará, na imensa maioria dos casos, até o fim da vida, que vem a ser a morte. Isso implica dizer que a fase realmente interessante da vida, ou seja, plenamente desfrutável, costuma resumir-se a pouco mais ou um pouco menos do que uma dezena de anos.

Ultrapassada a fronteira dos 30 anos de idade, costuma ocorrer um fenômeno inverso àquele que marcava a fase pré-18 (chamemo-la assim): se antes ansiava-se por alcançar um determinado período posterior da vida, depois de alcançá-lo, faz-se de tudo para parecer que ainda se está dentro dele: da pintura dos cabelos aos cremes de rejuvenescimento, passando pelas academias de musculação (autênticos templos de culto hedonista), tudo vale para “parecer jovem”, ao menos no corpo, mesmo porque é ele e só ele que importa, na maioria absoluta das vezes. O contexto não poderia ser mais materialista, ou —como já há quem prefira— *corporalista*. De fato...

... O materialismo da nossa época é sobretudo um *corporalismo*, um culto prático ao corpo, de crescente sofisticação, e não só pela variedade de técnicas de aprimoramento corporal (vejam-se as abarrotadas academias de ginástica, que recordam laboratórios da NASA), mas também porque toda a vida das pessoas – até daquelas que se consideram cristãs e católicas – passa a girar em torno da culinária [...], do lazer, do conforto. As atividades e qualidades propriamente espirituais —a cultura propriamente dita e o estudo, o amor à beleza e à arte, a adoração de Deus e o culto—, tudo isso simplesmente desapareceu do horizonte de tais pessoas, como se nunca tivesse existido. Até as “religiões” da moda, como a *New Age*, o ioga, a meditação transcendental e outros orientalismos, pouco mais são do que “técnicas” para se obter um bem-estar corporal e mental.⁶

Um dos sintomas dessa obsessão pela aparência física se vê na prática de encher o corpo de tatuagens (“cada uma delas com um significado”, como papagueia o clichê) —ela mesma transformada em obsessão planetária, espécie de pandemia do exibicionismo e da autorreferência—, não

⁶ José Lino C. Nieto, *A vontade de poder: Nietzsche, boje* (São Paulo: Quadrante, 2004), 75.

contente em ultrapassar toda e qualquer fronteira do ridículo e (por que não dizer?) do insano.

Considerando que, nos dias de hoje, a expectativa de vida do ser humano está em torno dos 75 anos de idade, esse investimento obsessivo na juventude implica limitar a real alegria de viver a menos de 20 % do tempo que se vive. Por mais absurdo que isso comprovadamente seja, não menos comprovado é o fato de que muito mais da metade da humanidade atual pauta sua vida precisamente com esses moldes de que estamos falando: dezoito anos de ansiedade para se alcançar o que ainda não se tem (a dezena de anos que chamamos de *juventude*) e o resto da vida em situação de angústia pela perda daquilo que se teve e não retornará (a dezena de anos que chamamos de *juventude*).

Nossa vez chegará

Longe de ser algo que só acontece “com os outros”, a velhice chega para todos nós; só os que escapam dela são os que morrem naquela já referida flor da idade. Exatamente o mesmo se aplica à deficiência: a única maneira de escapar dela consiste em morrer antes de envelhecer, pois o envelhecimento sempre acarreta algum tipo de deficiência, nem que seja no perímetro muitas vezes brando da perda da mobilidade ou da capacidade física em geral. Eis, portanto, a regra: morrer cedo ou envelhecer e tornar-se deficiente, de algum modo, ainda que ameno. Tudo dependerá, é claro, da forma como se encara tanto uma coisa quanto outra. Exemplo ilustrativo é o do escritor e inventor brasileiro Gustavo Corção (1896-1978), acometido por deficiência visual durante os seus últimos anos de vida:

Quem assistiu de perto ao drama dos olhos do jornalista e escritor Gustavo Corção sentiu na própria carne a dor que isto lhe causava. Recorria ele a mil expedientes para ler e escrever seus dois artigos semanais. Inventou métodos, comprou aparelhos, máquinas e gravadores. Em cima de sua mesa havia vários óculos e lupas. Telefonava para os amigos e humildemente pedia ajuda. Que o ajudassem a outros ajudar. Precisava consultar a *Secunda Secundae* de Santo Tomás, achar um trecho de *Les Trois Ages de la Vie Intérieure* de Garrigou-Lagrange, descobrir uma página do Père A. Gardeil, uma passagem de São João [...] Nunca se queixava de seu 1 % de visão. Ali, na penumbra de seu escritório, espiado pelos livros e pelas

fotografias dos santos e dos amigos vivos e falecidos, ele olhava para nós com uma serenidade de quem via mais e melhor.⁷

Pensemos também em nomes da cultura universal, como o alemão Ludwig Van Beethoven e o espanhol Francisco Goya. No respeitante ao grande gênio da música, visto como o maior compositor de todos os tempos, sabe-se:

É por volta de 1798 que Beethoven sente os primeiros sintomas do mal; em 1801 este agrava-se e o músico tenta esconder a sua enfermidade. [...] a sua poderosa força de vontade vence a crise, mas o compositor vê-se obrigado a recluir-se em si e na sua arte, que, a partir desta altura, sensivelmente sofre uma imprevisível modificação em alcance e profundidade. Bastará confrontar a galantaria ainda toda setecentista da 1ª e da 2ª Sinfonias, respectivamente de 1800 e 1801, com o colossal fresco da 3ª (*Heróica*), de 1803, verdadeiro poema da sua significação humana, para se avaliar da transformação operada no pensamento de Beethoven, transformação que, se não pode ser atribuída exclusivamente à tragédia da surdez, parece fora de dúvida ter nela tido a sua imediata determinação.⁸

Quanto a Goya, maior nome da pintura espanhola historicamente situado entre Velásquez e Picasso, consideremos:

É verdade que a doença pesou sobre Goya (e sobre Beethoven, que se lhe assemelha até mesmo fisicamente), fazendo-lhe exprimir a fundo o poder criador da sua alma, que talvez não nos tivesse dado as suas visões sonâmbulas de surdo e as suas grandes séries gravadas, os *Caprichos*, os *Desastres da guerra* e os *Disparates*, se ele tivesse continuado a perceber os barulhos do mundo. Mas, antes da sua surdez, Goya não era um pintor medíocre, e esse defeito [a surdez] não é a causa do seu gênio, nem do seu pessimismo que já se havia manifestado em cartas e em obras anteriores – e que não será, conseqüentemente, longe disso, um estado de espírito permanente: após uma série de pequenos quadros delicados e atrozes executados “para ocupar a sua imaginação mortificada pela consideração dos seus males”, escreve ele em 1794, e conservados na sua maior parte na Academia San Fernando (*O enterro da sardinha*, *Os penitentes*, *A casa de loucos*, *Processo da Inquisição*), ele pinta as suas obras mais triunfais, as mais otimistas, em particular a decoração da igreja de *San Antonio de la Florida* (1798), a mais resplandecente chama do rococó associada ao estilo popular.⁹

⁷ Paulo Rodrigues, “Antes da conversa”, *Conversa em sol menor* (Rio de Janeiro: AGIR, 1980), 14-15.

⁸ Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, *Dicionário de música* (Lisboa: Cosmos, 1963), I, 164.

⁹ Julian Gallego, *La peinture espagnole* (Paris: Pierre Tisné, 1962), 176-177.

Em ambos os casos, a deficiência (no caso, a surdez) pode ser tida como estímulo *indireto* para o desdobramento do talento artístico.

Outro adversário incontornável é a morte. Somos feitos de pó, e a ele retornaremos, ensinam as Escrituras com a sabedoria que lhe é constitutiva (cf. Gn 3,19). Em termos químicos, a assertiva não é menos verdadeira. Adão, o primeiro homem, foi criado a partir do pó (i.e., do “barro” ou da “terra”, se quisermos). Disso resulta a pertinência do jogo de palavras, feito em língua hebraica, entre *adamah* [אדמה] = “terra” e *adam* [אדם] = “feito a partir da terra”, ou seja, “Adão”.¹⁰ Nenhum químico negará tal realidade, pois ele sabe que o corpo humano compõe-se de substâncias e elementos que presentes na terra e na própria Natureza como um todo (mormente carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, fósforo e enxofre). A correspondência etimológica que acabamos de ver no hebraico também se dá no latim, como comprova o parentesco existente entre *homo* (“homem”) e sua matriz, que é *humus* (“barro”): “Chamamos assim ao homem (*homo*) porque ele é feito de *humus* (barro), tal como se diz no Gênesis (2,7): ‘E Deus criou o homem a partir do barro da terra’.”¹¹ A língua alemã oferece-nos o verbo *heimgehen*, que, dependendo do contexto, significará “ir para casa” (*nach Hause gehen*) ou “morrer”,¹² ambiguidade na qual ecoa o ensinamento bíblico: somos pó e ao pó havemos de retornar.

Ainda no respeitante à fertilidade etimológica contida na palavra “homem”, indicativa do vínculo com o “barro” que nos constitui de que somos feitos (cf. lat. *humus* > *homo*), colhamos nela a necessidade de sermos humildes na avaliação do assunto que nos une nestas páginas, a saber, a relação entre o envelhecimento e a deficiência entre nós. Como nos revela a língua de Cícero, “humildade” vem de *humilitas*, que vem de *humus*, revelação que reitera o fato de que a humildade é virtude própria do homem, fato esse que meu saudoso professor Nelson Nilo Hack deixava bem claro em suas palavras e atitudes. Com base na humildade —ela mesma a

¹⁰ Cf. *The New American Bible* (Nova Jersey: Catholic Book Corporation, 2011), 8.

¹¹ Santo Isidoro de Sevilha, *Etymologiarum Sive Originum Libri XX*, XI, 1, 4.

¹² Cf. Gerhard Wahrig, *Deutsches Wörterbuch* (Munique: Mosaik, 1980), 1.742-1.745.

estrutura basilar de todas as virtudes— e na conseqüente tomada de consciência de que aquilo que sabemos sobre um assunto é incomparavelmente menor do que ele comporta, passemos ao item seguinte deste artigo.

É pior repelir do que remediar

Uma afinidade essencial entre a condição de idoso e a de deficiente está na repulsa sistemática que as sociedades tendem a projetar sobre ambos os grupos. Tal com a idade avançada, a deficiência associa-se espontaneamente à diminuição (ou à pura e simples incapacidade) de produzir em prol do bem comum, que vem a ser “a soma total das condições sociais que permitem às pessoas, tanto no sentido coletivo quanto no individual, alcançar a satisfação dos seus propósitos de modo mais pleno e mais fácil”.¹³

Vivemos em sociedade, dada a impossibilidade de cada um de nós, por si mesmo, atender a todas as suas necessidades; tal é o princípio da cooperação e da vida comunitária; não produzir ou produzir pouco é arriscar-se a ser visto como um peso para a comunidade, enquadrando-se, assim, no que alguns autores já chamam de *espectro da inutilidade*.¹⁴ Isso é particularmente nítido neste mundo cada vez mais materialista em que vivemos, alicerçado como está em pelo menos quatro revoluções industriais (já há quem fale em cinco) e progressivamente avesso aos valores espirituais e morais.

Todos aqueles que não conseguem ou não querem se adaptar ao *frenesi* da funcionalidade ininterrupta (em nada surpreende que o *workaholismo* seja um dos muitos vícios do momento) e do “novo pelo novo” (*isso inclui particularmente a categoria social das pessoas deficientes e a dos idosos, dadas as limitações de desempenho que a deficiência e a idade avançada provocam*) tornam-se cada vez mais vulneráveis à *segregação* (na sociedade “globalizada”, por assim dizer, com raras exceções), à *perseguição* e ao *extermínio* (na Alemanha nazista, no século passado; na Coreia comunista, nos dias de hoje).

¹³ The Holy See, *Constituição pastoral “Gadium et spes” sobre a igreja no mundo atual*, 26 § 1, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

¹⁴ Cf., por exemplo, Fabio Dovigo, Francesca Pedone et al., *I bisogni educativi speciali: una guida critica per insegnanti* (Roma/Bari: Carocci Faber, 2019), 10.

Ao mesmo tempo que costuma proteger criminosos (vide, por exemplo, a legislação brasileira atual), a sociedade globalizada sói desamparar os idosos, os deficientes e as crianças ainda não nascidas; já existe, no Brasil e no mundo, uma verdadeira *indústria do aborto*, realidade macabra contra a qual é mister protestar. Faço minhas estas observações do filósofo brasileiro Olavo de Carvalho (1947-2022):

Os adversários do aborto alegam que o feto abortado é um ser humano, que matá-lo é um crime de homicídio como qualquer outro. Os partidários alegam que o feto é apenas um pedaço de carne, uma parte do corpo da mãe, que deve ter o direito de extirpá-lo à vontade. No presente *score* da contenda, nenhum dos dois lados conseguiu ainda persuadir o outro. Nem é razoável esperar que o consiga jamais, pois, não havendo na presente civilização um consenso quanto ao que é ou não é a natureza humana, não existem premissas comuns que possam fundamentar uma prova cabal que nos diga se o feto é gente ou coisa, se extirpá-lo é um homicídio ou um gesto inocente como cortar uma unha ou lixar um calo. Se há um pingão de honestidade nos dois partidos, ambos devem reconhecer que, do ponto de vista da argumentação racional, estão empatados. Há cinquenta por cento de probabilidade de que o aborto seja homicídio, cinquenta por cento de que não o seja. [...] Essa equação formula-se assim: se há cinquenta por cento de probabilidades de que o feto seja humano e cinquenta por cento de que não o seja, apostar nesta última hipótese é, literalmente, *optar por um ato que tem cinquenta por cento de probabilidades de ser um homicídio*.¹⁵

Consideremos, também, a eutanásia, crime contra o qual existem não faltam argumentos éticos, práticos e religiosos. São muitas as doutrinas afirmam a existência de prêmios e castigos numa vida após a morte.¹⁶ Há, também, várias que afirmam o contrário, tendo, muitas vezes como premissa, a invisibilidade de Deus: como acreditar num ser que não vemos?, é comum que digam os ateus. É uma premissa muito fraca, mesmo porque são incontáveis as nossas crenças em seres e circunstâncias que não podem ser amparadas pela visão.

¹⁵ Olavo de Carvalho, “Opção preferencial pela morte”, *O imbecil coletivo II* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1998), 171-172.

¹⁶ Isso, aliás, é assunto sempre importante para ser pensado, já que, na vida, a única certeza que o homem tem com relação ao seu destino é a de que um dia morrerá. Cabe recordar aqui as palavras do Marquês de Maricá (1773-1848): “Devemos regular a nossa vida de modo que possamos esperar, e não recear, depois de nossa morte”. Apud Evanildo Bechara, *Moderna gramática portuguesa* (Rio de Janeiro: Lucerna, 1999), 282.

Os indicativos a favor da existência de Deus e de uma justiça *post mortem* são incomparavelmente mais fortes e consistentes que os que lhes são contrários. A crença na inexistência de prêmios e castigos eternos enfrenta o sério obstáculo de se opor a esses indicativos e ao assentimento de inúmeros sábios, dentre os quais Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e Albert Einstein. Ademais, ela tem, no mínimo, 50 % de chances de estar errada, o que já é motivo mais do que suficiente para abandoná-la, tal o risco que se corre no caso de ela estar, de fato, errada. Qual o nadador, por mais hábil e corajoso que seja, que nadaria em águas onde sabe que, para cada dois nadadores que fazem o mesmo, um é devorado por tubarões? Se o homem sensato desiste de nadar naquelas águas, em apego a esta vida e querendo evitar dores e tormentos que talvez durassem apenas poucos minutos, ou até mesmo, segundos, o que dizer do homem que se desapega da hipótese de que exista uma vida eterna para ele de e que dores e sofrimentos eternos podem estar à sua espera?

Ainda que não tomemos ao pé da letra os suplícios terríveis que descreve Dante no *Inferno*, há de se convir: a simples possibilidade de que existam castigos eternos é motivo suficiente para que seja abandonada a crença de que eles não existam. É incomparavelmente mais sensato e prudente crer que existam. Mesmo porque, como observou com lucidez o nosso já referido Marquês de Maricá, “sem a crença numa vida futura, a vida presente seria inexplicável”.¹⁷ Um homem pode crer ou não crer que o Sudário de Turim seja legítimo. Isso não afeta obrigatoriamente a sua vida e nem o seu procedimento moral. Mas a opção entre crer ou não crer em Deus e na vida eterna, isto sim, é algo de suma importância enquanto estamos vivos. Para quem não crê, são muito elevadas as chances de estar enganado, e o que está em jogo, como se viu, é muito sério.

Aos ateus, agnósticos e céticos em geral, cabe, também, a seguinte reflexão:

Suponhamos por um instante que haja alguma dúvida, e que a existência dos suplícios eternos seja apenas provável. Eu pergunto a quem tem um pouquinho de juízo se uma pessoa, apoiando-se num mero *talvez*, pode expor-se ao perigo de ser

¹⁷ *Ibid.*, 279.

lançado naquele fogo terrível. *Não é uma verdadeira loucura arriscar a salvação eterna? Não conviria até nesse caso fazer penitência para evitar o perigo provável de ser infeliz para sempre? Não seria prudente seguir o caminho mais seguro?* [Os itálicos são meus]. Dois ateus entraram um dia na cela de um ermitão e, vendo seus instrumentos de penitência, perguntaram-lhe por que vivia assim tão austera-mente. – “*Para merecer o paraíso, respondeu o monge. – Bom padre, lhe disseram sorrindo, ficareis frustrado se depois da morte não houver mais nada.*” E o santo homem, olhando-os com ar de compaixão, lhes disse: – “*Maior frustração tereis vós se depois da morte houver alguma coisa!*”¹⁸

Cumprido notar, outrossim, que tanto o aborto quanto a eutanásia entram em rota de colisão com a versão original do *Juramento de Hipócrates*, solenemente prestado pelos médicos, há dois milênios e meio, por ocasião da sua formatura na carreira de medicina. Maliciosamente, de meados do século XX para cá, começaram a surgir “versões melhoradas” do mesmo juramento. Nelas, *nada consta* contra o aborto e, dependendo da interpretação que se dê, desaparecem, também as barreiras contra a eutanásia.

Last but not least no que refere a este item, onde há alguém perdendo, há alguém ganhando. Noutras palavras, *cui bono* nessa história? Pense-se, por exemplo, no dinheiro economizado pelas seguradoras de saúde; para elas, um “cliente” acamado torna-se, muitas vezes, um “cliente” deficitário. Ninguém ignora que, historicamente falando, a eliminação e a repulsa em geral são fenômenos que não acometem apenas aos idosos e aos deficientes. De fato...

Diversas sociedades, ao menos em algum período da sua história, legitimaram a prática social de eliminar este ou aquele grupo: assim é que, em certas culturas beduínas, legitimou-se o extermínio das meninas recém-nascidas.¹⁹

A bem dizer, difícil seria encontrar a sociedade que nunca adotou práticas do mesmo tipo. É um fenômeno que tem suas raízes na pré-história, possivelmente tão antigo quanto o próprio homem:

¹⁸ Padre André Beltrami, *O inferno existe: Provas e exemplos* (São Paulo: Artpress, 2013) 45-46.

¹⁹ Cf. Lucien Febvre, *La Terre et l'évolution humaine: Introduction géographique à l'histoire* (Paris: Albin Michel, 1970), 297.

Anomalias físicas ou mentais, deformações congênitas, amputações traumáticas, doenças graves e de consequências incapacitantes, sejam elas de natureza transitória ou permanente, são tão antigas quanto a própria humanidade.²⁰

Sendo a deficiência um empecilho (ao menos aparente) para que o indivíduo atue convenientemente para a sobrevivência da sua comunidade, pode surgir então a ideia de eliminá-lo, no mesmo ritmo em que ele passa a representar um fardo. *Mutatis mutandis*, é o mesmo fenômeno que se verifica nas espécies animais em geral. No tocante às sociedades humanas da pré-história, pode-se repetir com Otto Martins da Silva que

É quase certo que uma criança nascida com aleijões ou aparentando fraqueza extrema terá sido eliminada de alguma forma, tanto por não apresentar condições de sobrevivência, quanto por credices que vinculavam [a deficiência] a maus espíritos, castigos de divindades, ou mesmo por motivos utilitários.²¹

Uma regra da natureza: os mais fracos tendem a sucumbir, em favor dos mais fortes; de igual modo os mais fortes costumam vigorar, em detrimento dos mais fracos, o que não deixa de enunciar a lei da sobrevivência dos mais aptos. O mesmo vale para a utilização eugênica da clonagem, com a finalidade de selecionar e aproveitar as características humanas tidas como superiores, eliminando, é claro, as que forem vistas como inferiores. Um projeto que nada tem de novo, como é fácil perceber, mas que adquire hoje matizes no mínimo alarmantes:

Essa ambição [de eliminar grupos étnicos indesejáveis, doentes mentais e “todos aqueles que sofriam malformações físicas”], colocada em prática e levada aos extremos do horror na Alemanha de Hitler, é outro sintoma do impulso fáustico que hoje parece renascer, com características renovadas, acompanhando o desenrolar da tecnociência bioinformática e seus projetos transcendentis.²²

A lei da sobrevivência dos mais aptos é uma aplicação da lei do mais forte, que parece ser tão antiga quanto os primeiros seres vivos. São

²⁰ Otto Marques da Silva, *A epopéia ignorada: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje* (São Paulo: Sociedade Beneficente São Camilo, 1987), 21.

²¹ *Ibid.*, 37.

²² Paula Sibília, *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002), 147; ver também Alfonso Cardenal López Trujillo, “Clonación: pérdida de la paternidad y negación de la familia”, *Humanitas* (Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, janeiro/março de 2004), 33, 79.

pouquíssimos os homens que nunca se beneficiaram dela; menos numerosos ainda os que nunca foram vítimas dela. De qualquer modo, é oportuno fazer aqui uma ressalva, pois as generalizações costumam ser muito perigosas neste assunto. No referente aos tempos pré-históricos, por exemplo...

... Muitos dos que começam a estudar o assunto deduzem apressadamente que o indivíduo doente, deficiente ou com um problema sério qualquer era exterminado pelo grupo primitivo. Outros acham que não. Apresentam como prova o eventual aparecimento e a evolução da medicina, a existência de esqueletos com sinais de fraturas solidificadas e o achado de crânios trepanados.²³

Vê-se que a regra da eliminação dos mais débeis comporta uma outra face da moeda, por assim dizer. Com o desenvolvimento da prática religiosa, o homem pré-histórico (isso já no neolítico, há pelo menos uns dez mil anos) deve ter passado a ver com olhos mais solidários os indivíduos doentes ou incapacitados por esta ou aquela razão. É um dos argumentos que podem servir de hipótese explicativa para a sobrevivência (efeito, muitas vezes, da aceitação social) de alguns indivíduos pré-históricos, como o homem de que fala Otto Marques da Silva, e cujos vestígios ósseos revelaram uma fratura no fêmur que se traduziu por um encurtamento substancial da coxa. Era um aleijado que sobreviveu à fratura por muitos anos, como sublinha o autor. Evidentemente, o que quer que se diga sobre a sua vida não ultrapassa o perímetro das hipóteses: “Seu vulto, coxeando pelos agrestes e perigosos caminhos, num ponto perdido da pré-história, permanecerá sem explicações em nossa imaginação”.²⁴

Fato é também que a arte neolítica mostra figuras de homens deficientes (e.g., anões, coxos, amputados) em urnas e vasos. E isso em contexto respeitoso e até mesmo reverente, às vezes. Seriam louvados por terem sobrevivido ao flagelo que os tornou deficientes, revelando por isso uma

²³ Otto Marques da Silva, *A epopéia ignorada: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*, 21.

²⁴ *Ibid.*, 34.

natureza sobre-humana ou, talvez, um exemplo de força e coragem para os seus semelhantes? Não é possível avançar no campo das meras hipóteses.²⁵

Last but not least, como dizíamos, espera-se que o conteúdo deste item contribua para deixar claro que, no que tange à velhice e à deficiência, é *pior repelir que remediar*.

Sobre a hipocrisia ou contra os “ns” inúteis e os “hs” mudos

Nenhuma sociedade necessitaria de “políticas inclusivas” se não houvesse a contrapartida formada por “políticas exclusivas”.²⁶ É o caso de atentarmos para o fato de que quanto mais se fala em “inclusão social” deste ou daquele segmento da sociedade humana enquadrado nesta ou naquela categoria “incluível”, mais amplo se torna o próprio sentido que se dá à expressão em tela. Eis por que, atualmente, a tão propalada “inclusão social” se vê interpretada e aplicada de formas tão díspares, dependendo do lugar e do contexto em apreço.

A própria palavra *diversidade*, também hoje tão em voga, está longe de portar um entendimento uniforme; muito pelo contrário, na tentativa de dar uma definição do termo, muitos afirmam que se trata de “tudo aquilo que se desvia e, por isso, se distancia da norma” ou, então, daquilo “que não é conhecido e não segue o processo esperado”.²⁷ Em contrapartida, não faltam aqueles que veem na *diversidade* “uma riqueza e um recurso (*una ricchezza e una risorsa*)”.²⁸

A prova dos nove daquela situação pode ser obtida mediante a consulta, breve que seja, ao verbete *diversidade* num site como a Wikipédia; constata-se que a interpretação do conceito de *diversidade* é, ela mesma, um exemplo de diversidade, pois não poderia ser mais diversa: é ler para crer!

²⁵ João Vicente Ganzarolli de Oliveira. *Por que não eles? Arte entre os deficientes* (São Paulo: Cidade Nova, 2007), 27-30.

²⁶ Ver a esse respeito Dovigo, Pedone et al., *I bisogni educativi speciali*, 9 et passim.

²⁷ *Ibid*, 78-79.

²⁸ *Ibid*, 79.

Mutatis mutandis, dá-se o mesmo com o conceito de “deficiência”: mudam-se os parâmetros, trocam-se os rótulos, contornam-se susceptibilidades e multiplicam-se as “categorias”, mas perdura o problema da “definição adequada” (caso ela exista), sem que nada de proveitoso seja obtido em prol da pessoa deficiente. O resultado disso é que a fronteira entre *eficiência* e *deficiência* se mostra volátil ao extremo, de modo que, no meio acadêmico, por exemplo, já existe relutância em dizer quem é deficiente e quem não o é.²⁹

No caso da sociedade contemporânea —ou globalizada, se preferirmos—, há uma contradição flagrante no bater-se em defesa da qualidade de vida (e também da própria vida) de determinados grupos de pessoas (deficientes, idosos etc.) e, ao mesmo tempo, desamparar (ou, até mesmo, exterminar) outros grupos (fetos, pacientes terminais etc.), conforme vimos há pouco. A situação nada tem de saudável e tudo tem de hipócrita e insana: é análoga à do bombeiro que usa gasolina para apagar incêndios e à do motorista que, tencionando (ou *pensando* que tenciona) ir para a frente, engata marcha à ré em seu veículo.³⁰

Há pessoas que acreditam que sua vida poderá mudar da água para o vinho mediante uma simples mudança na grafia do próprio nome. É o que explica a existência de tantas “Jhennifers”, “Annahs” e similares em nossa terra tão escassa em humildade e abastecida em presunção. De modo análogo, vigora (aliás, com força cada vez maior) entre nós a crença de que o mundo deve ser tal qual nós o vemos em nossas expectativas pessoais (ainda que fúteis ou até mesmo ridículas). Eis por que é tão comum vermos pessoas (quase sempre do sexo feminino) mentirem para si mesmas (e, muitas vezes, para terceiros) em relação à idade que tem: “já fiz 53 anos, mas ‘sinto’ como se tivesse 35”, *ergo*, “tenho 35 anos” eis a equação típica (daí as alegações tolas do tipo “minha alma é jovem”; “a idade é só um número na carteira de identidade”).

²⁹ Cf. Dovigo, Pedone et al, *I bisogni educativi speciali*, 87.

³⁰ Ter-se-á, nesse último caso, um exemplo típico de veledade, que vem a ser a “ausência de sentimento de personalidade. É um ‘quisera’, mas não um ‘quero’”. Narciso Irala, *Controle cerebral e emocional* (São Paulo, Loyola, 1970), 65.

O mesmo se aplica, *mutatis mutandis*, no campo da deficiência (que gera alegações tão politicamente corretas quanto ridículas, tais como “a deficiência é só um detalhe”; “fulano é ‘especial’”; “deficiência não!, o correto agora é dizer di-fe-ren-ça”).

É comum que os genitores (sobretudo as mães) de filhos atingidos por deficiência intelectual não aceitem a realidade em causa. É precisamente esse o caso de certa pessoa com quem conversei certa vez e que tem um filho autista.³¹ Em que pesem os muitos obstáculos que a criança enfrentava no seu processo de aprendizado, ela insistia em sublinhar o seu (ilusório) “alto grau de inteligência”; não contente em equipará-la às crianças *normais* (categoria que ela rejeitava, em obediência à correção política), aquela mãe chegava a colocar seu filho num patamar superior: via nele um gênio ou coisa muito parecida. Tal era seu entusiasmo que ela, certa vez, levou o menino a um programa de auditório para exibir sua “superioridade” intelectual; tão cega a deixara sua mistura de vaidade e estupidez que não percebeu que seu filho foi alvo de zombaria tanto da parte do dirigente do programa quanto do público nele presente.

Consideremos o caso do autismo. Quem fala e escreve é a cientista norte-americana Temple Grandin (1947), ela mesma vítima de autismo, em sua modalidade denominada Síndrome de Asperger:

A melhor coisa que devem fazer os pais de uma criança na qual foi diagnosticado um distúrbio inerente ao espectro autístico é ocupar-se do próprio filho, sem preconceitos e nem juízos precipitados, além de aprender de que modo ele vive, age e reage no seu próprio mundo. [...] Tanto quanto vejo, é um erro grave, da parte dos pais e dos educadores, o de tentar transformar o autista em algo que ele não é.³²

³¹ Temple Grandin, em *Visti da vicino: Il mio pensiero su autismo e sindrome di Asperger* (Trento: Erickson, 2014), 11-12: “Hoje, a incidência do autismo é de um caso a cada 100 nascimentos (*Centers for Disease Control*, 2009), mas esse dado continua a aumentar com uma velocidade alarmante. A cada 21 minutos, uma criança é diagnosticada com autismo. Ele é quatro vezes mais comum em meninos que em meninas e distribui-se igualmente entre as áreas geográficas e entre os diversos grupos raciais, sociais e étnicos. Segundo o site da *Autism Society of America*, o custo relativo aos cuidados exigidos por uma única pessoa autista no seu ciclo de vida varia entre 3,5 e 5 milhões de dólares; para todos os indivíduos autistas, o custo total alcança a cifra impressionante de 90 bilhões de dólares por ano”.

³² *Ibid.*, orelha.

De nada adianta, frisemos, mascarar a realidade, com eufemismos, siglas e outros paliativos que, no fim das contas, mais atrapalham do que ajudam no seu empenho de fugir de uma realidade que, por um motivo ou por outro, não se quer enfrentar. Almeja-se um mundo de faz-de-conta, no qual a deficiência, a velhice, o sofrimento e todos os demais indicadores da nossa finitude, enquanto criaturas que somos, não existiriam. Cria-se uma pseudo-realidade na qual o mundo passa a ser aquilo que gostaríamos que fosse, em contraposição àquilo que ele é.

Na Itália, por exemplo, já pertencem ao vocabulário do dia-a-dia siglas como BES (*bisogni educativi speciali* = “necessidades educativas especiais”), GLI (*gruppo di lavoro per l’inclusione* = “grupo de trabalho em prol da inclusão”) e GOSP (*Gruppo operativo di supporto psicopedagogico* = “grupo operativo de suporte psicopedagógico”).³³ Qual a utilidade propriamente dita de tudo isso?

Fundamental, claríssimo está, é o bom acolhimento por parte da família, *cellula mater* da sociedade, e da própria sociedade em si que precisa ser dado aos idosos e deficientes: “Diremos, pois, que a família é uma instituição de lei natural. É célula fundamental onde se efetiva, em primeira instância, a sociabilidade humana”.³⁴ Sem o acolhimento em causa, não há siglas e demais recursos de um vocabulário supostamente não-provocador de susceptibilidades, nem tecnologia assistiva, nem política inclusiva que possam ser empregadas de modo eficaz na minoração dos males inerentes à velhice e à deficiência.

Não menos evidente nesse processo de aceitação social das pessoas que atingem a idade avançada e das que são atingidas pela deficiência é que toda e qualquer iniciativa nesse sentido esteja alicerçada sobre princípios morais, notadamente a Regra de Ouro: *tratar os outros como queremos ser tratados e não tratar os outros como não queremos ser tratados*, que o Evangelho conduziu à perfeição (*cf.* Mt 22,34-40).

De igual modo, toda e qualquer iniciativa que não tenha como alicerce a moralidade tornar-se-á, na melhor das hipóteses, mero placebo social

³³ Dovigo, Pedone et al. *I bisogni educativi speciali*, 9, 176 et passim.

³⁴ Gustavo Corção, *Claro escuro* (Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958), 13.

que, como todo placebo, terá vida curta e nenhum benefício concreto produzirá; na pior, reduzir-se-á (como, aliás, é o que acontece na maioria absoluta dos casos) à velha e conhecidíssima prática da hipocrisia, com cujo verbete, redigido pelos célebres dicionaristas lusitanos, Francisco Júlio de Caldas Aulete (1826-1878) e António Lopes dos Santos Valente (1839-1896), convém encerrar este item:

Hipocrisia, *s. f.* vício pelo qual se manifesta uma piedade, virtude ou sentimento que se não tem; afectação (*sic*) de qualidades que se não possuem; fingimento; falsidade: Pode às vezes a inexperiência enganar-se com os caracteres que êle (*sic*) sabe imitar com pérfida *hipocrisia* (Garrett). || F. lat. *Hypocrisis*.³⁵

Não deixa de haver certo fundo de verdade na desculpa esfarrapada de que “faltam verbas” para que a política de inclusão funcione devidamente. Ocorre que ela pertence à superfície mais visível do contexto, espécie de último elo de um processo causal que tem sua base na moralidade. Retrocedamos, pois:

1. Faltam verbas (de fato) porque falta vergonha na cara daqueles deveriam distribuídas consoante ao *bem comum*, do qual já falamos, mas cuja definição vale a pena repetir: “a soma total das condições sociais que permitem às pessoas, tanto no sentido coletivo quanto no individual, a alcançar a satisfação dos seus propósitos de modo mais pleno e mais fácil”.³⁶
2. Falta vergonha na cara dos indivíduos com esse nível de poder decisório porque a sociedade que os legitima deixou-se corromper moralmente.
3. Uma sociedade corrompe-se moralmente quando prefere o mal em detrimento do bem.

Nihil sub sole novo

A história da humanidade é plena de exemplos antagônicos no referente ao modo de lidar com a velhice: rejeita-se aqui, aceita-se ali;

³⁵ *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948), II, 33.

³⁶ *Gadium et spes* 26 § 1.

persegue-se agora, protege-se depois, ou vice-versa, em ambos os casos. Consoante a pesquisas realizadas em 2016, na China Comunista —versão extremo-oriental do “melhor mundo possível” delirado pelo ideólogo alemão Karl Marx (1818-1883)—, tamanhos são o desamparo, o abandono e a solidão sofridos pelos idosos, sobretudo nas áreas rurais, que já se tornou comum, entre eles, a prática do suicídio. A gravidade desse fato aumenta consideravelmente quando se tem em conta a milenar tradição chinesa de respeito e amparo em geral aos idosos.³⁷

Em Tamil Nadu, na Índia meridional, não é raro que os mais velhos, tidos como fardos sociais, sejam eliminados pelos seus próprios familiares. Até aí, *Nihil sub sole novo* (Ecl 1,9): difícil será encontrarmos um compartimento da geografia e da história humanas em que o gerontocídio (ou seja, o abandono ou a pura e simples aniquilação de idosos) não tenha sido praticado. De fato, da Antiguidade aos dias atuais, a lista é grande e estende-se por todas as latitudes e longitudes.

Na contramão dessa tendência de que falávamos, o orador e filósofo romano Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), um ano antes de sua morte, já sexagenário, escreveu o ensaio *De senectute* (Sobre a velhice), com o propósito de mostrar que a felicidade é plenamente conciliável com a velhice.³⁸

É desnecessário multiplicarmos os exemplos; aproximemo-nos, pois, do assunto que mais nos interessa no momento. Do início do século XIX para cá, fatores como o progresso na área médica e na fabricação e obtenção de alimentos permitiram que a expectativa de vida aumentasse consideravelmente em várias partes do mundo. No Reino Unido, por exemplo, ela duplicou; antes, um cidadão britânico considerava ter tido uma vida longa a pessoa que morria aos quarenta anos de idade; hoje em dia, essa longevidade duplicou e tende a aumentar.

³⁷ Cf., por exemplo, Cesare Cantú, *História universal* (São Paulo: EDAMERIS, 1968), VIII, 7-23.

³⁸ *History of Roman literature from its earliest period to the Augustan age* Cf. John Dunlop. (Londres, E. Littell et al, 1927), 259-260 et al. Em finais do século passado, o filósofo alemão Hermann Görger (1904-1994), apoiando-se em Cícero, escreveu um livro sobre essa possibilidade de conciliação. No Brasil, *Lob des Alters* foi publicado em 1991 com o título *Elogio da velhice*, pela Editora Presença (hoje extinta), que me encarregou de fazer a tradução para o português.

Dentre as muitas interrogações nascidas desse novo panorama demográfico, destacam-se estas duas:

1. Será possível prever panoramas futuros no que concerne à expectativa de vida humana?
2. Haverá um “teto biológico” para nós, ou seja, um limite de idade acima do qual não nos é possível continuar vivendo?

As previsões existem, existiram e continuarão a existir no respeitante à longevidade humana; quanto a se concretizarem ou não, o assunto, obviamente, é outro. Fala-se que, antes de 2060, “os centenários serão comuns entre nós”.³⁹

É claro que esse panorama não pode ser considerado homogêneo, considerando a espécie humana como um todo, sujeita a fatores geográficos, sociais e políticos tão diversos. Há quem argumente em prol de um limite máximo —portanto, não-ultrapassável— para a longevidade humana e contra o qual os progressos na medicina serão incapazes de reverter.

No sentido contrário, tem-se a comprovação de que diversos limites etários supostamente não superáveis já foram superados. Há, inclusive, o caso dos patriarcas antediluvianos, os quais, consoante às Escrituras, chegaram a viver várias centenas de anos, sendo clássico o exemplo de Matusalém, avô de Noé, que deixou este mundo após 969 anos bem vividos (cf. Gn 5,21-27). Vista com descrédito pela maioria absoluta da intelectualidade contemporânea —ancorada (ou não será encaçada?) como está no materialismo, no agnosticismo ou no puro e simples ateísmo—, a longevidade de Matusalém, Noé (930 anos) e do próprio Adão (950 anos) pode ser interpretada de forma simbólica, *mas nada impede que o seja de forma literal*. Pode muito bem tratar-se de uma graça concedida por Deus à humanidade primitiva ou de um puro e simples milagre; tanto num caso quanto noutro, não nos cabe buscar explicações, pois Deus, justamente por ser o que é, não precisa explicar o que faz ou deixa de fazer. Fato é, porém, que...

³⁹ *Ibid.*

Se aceitarmos as idades descritas no *Gênesis* como literais, então precisamos responder à pergunta de por que essas pessoas viveram tanto. Existem várias razões possíveis para considerar por que os antigos viveram mais do que a humanidade moderna. Ei-las:

1. Criado para viver para sempre

Adão e Eva foram criados para viver eternamente. A introdução do pecado trouxe a morte (Romanos 5,12). No entanto, os processos degenerativos apenas começaram a ocorrer com eles e seus descendentes imediatos. Isso também pode ser responsável por sua expectativa de vida mais longa.

2. Ausência de doenças

Não haveria doenças naquele momento inicial. Visto que Adão e Eva caíram de um estado perfeito, levaria algum tempo para que a doença aumentasse. Isso também pode ter contribuído para a longevidade dos patriarcas.

3. Favorecer a devida ocupação da Terra

Para que a Terra fosse devidamente povoada pela humanidade (Gênesis 1,26), no início, longos períodos de vida se fizeram necessários. Do contrário, haveria demora excessiva para cumprir o mandamento de encher povoar a Terra inteira.

4. Acumulação de conhecimento

Além disso, se os primeiros habitantes da Terra viveram por longos períodos de tempo, eles devem ter acumulado conhecimento para ajudá-los a sobreviver por mais tempo. A Escritura nos diz que o homem primitivo fez avanços em coisas como metalurgia e música (Gênesis 4,21,22; e 11,6). Devemos também presumir que eles fizeram avanços em outras áreas – inclusive aquelas que os ajudariam a viver por muito tempo.

5 As condições climáticas

As condições climáticas podem ter sido um fator na longevidade dos antigos. Havia um possível dossel de vapor de água que cercava a terra antes do Dilúvio de Noé. Este dossel teria produzido um efeito estufa mundial, resultando em um clima ameno em toda a face da Terra. Além disso, esse dossel protegeria o homem da radiação nociva que afeta o processo de envelhecimento. No grande Dilúvio, esse dossel desabou e não protegeu mais o homem e os animais. Após o Dilúvio, as idades em que as pessoas viviam diminuíram drasticamente. A Bíblia diz que Noé viveu 930 anos e que seu filho Shem viveu 600 anos. No entanto, Terah, o pai de Abraão, viveu apenas 205 anos. Isso pode fornecer evidências de que havia

um dossel de vapor d'água protegendo o homem da radiação prejudicial. Com o passar dos anos, a humanidade começou a viver períodos de vida mais curtos. [...]

6. Dieta

Há quem diga que a dieta tem muito a ver com a longevidade das pessoas. Essa visão assume que as pessoas eram vegetarianas antes do Dilúvio. [...] A teoria é que a mudança de uma dieta vegetariana para uma que contenha carne vermelha ajuda a explicar a diminuição da longevidade das pessoas após o Dilúvio. [...] Estas são algumas das possíveis razões pelas quais as pessoas viviam mais tempo antes do Dilúvio.⁴⁰

Luzes no fim do túnel

O envelhecimento, conforme já vimos, vincula-se diretamente à deficiência. Não nos surpreende, pois, que a *bengala* —possivelmente o primeiro artefato pertencente ao âmbito da tecnologia assistiva— atenda à deficiência motora tanto em idosos quanto em pessoas pertencentes a outras faixas etárias. Quanto à tecnologia considerada propriamente *assistiva* (chamada em Portugal de *tecnologia de apoio*), trata-se do nome dado a “qualquer serviço ou ferramenta que ajude idosos ou pessoas deficientes a realizarem atividades que, de outro modo, seriam muito mais difíceis ou impossíveis”. Já existe, aliás, a gerontotecnologia, que vem a ser a tecnologia assistiva específica para os idosos. Seu propósito é o de conceder ao idoso melhor qualidade de vida, tanto no sentido individual quanto no coletivo. Limitada, como toda obra humana forçosamente o é, a gerontotecnologia revela-se particularmente questionável em situações de envelhecimento acompanhado de alguma forma de demência, doença incurável contida no perímetro das doenças cerebrais, que afeta negativamente o raciocínio e a memória, sendo sua manifestação mais comum o chamado “mal de Alzheimer”, que cobre mais da metade dos casos em apreço.

Em que pesem as muitas pesquisas e esforços em geral no campo da demência em geral e do Alzheimer em particular, o fato é que ignoramos muito mais do que sabemos. Estamos diante do caso típico em que a cada

⁴⁰ Don Stewart, “Why did people live so long before the Flood?”, S/D, em *Blue letter Bible*, acesso em dezembro de 2023, https://www.blueletterbible.org/faq/don_stewart/don_stewart_721.cfm.

certeza obtida, novas dúvidas despontam, e isso de tal modo que não estaremos errados se, parodiando o economista britânico Thomas Malthus (1766-1834), dissermos que os pontos de exclamação progridem de modo aritmético, enquanto os pontos de interrogação se multiplicam em progressão geométrica. Em nada nos deve surpreender que sejam assim as coisas e as circunstâncias, pois estamos a tratar de males que atingem o cérebro humano, justamente o sistema mais complexo que existe em todo o Universo.⁴¹

Comprometido em sua capacidade mnemônica e no próprio poder de raciocinar com a devida clareza, a pessoa atingida por demência, seja ela idosa ou não, torna-se especialmente vulnerável a maus tratos e abusos diversos, inclusive da parte do profissional contratado para cuidar dela. É muito comum a negligência; observe-se, por exemplo, como homens e mulheres idosos são, muitas vezes, deixados à deriva em suas cadeiras de rodas, enquanto suas respectivas “cuidadoras” cuidam, isto sim, de conversar futilidades com suas colegas e de se entreter com os seus respectivos telefones celulares. Sua Majestade a Correção Política que não me leve a mal, mas a verdade nua e crua é esta e não outra: ao menos no Brasil, nem todos os cuidadores de idosos são munidos da devida capacitação profissional; um percentual significativo é composto por indivíduos (geralmente mulheres) despreparados tanto no referente à profissão em tela quanto aos princípios éticos e morais que ela exige.

Não obstante esses fatos lamentáveis, algumas pílulas de otimismo podem ser colhidas aqui e ali, e.g., nas informações recentemente divulgadas pelo cientista e empresário australiano Richard Caro. Segundo ele, o ano de 2020 caracterizou-se por um aumento nas possibilidades de comunicação virtual para os integrantes da chamada *terceira idade*, e isso é tanto causa quanto efeito do estímulo concedido à produção industrial de artigos específicos para eles como, por exemplo, localizadores à base de GPS, câmeras (para prevenir e denunciar negligência e maus tratos em geral da parte de cuidadores e dos próprios familiares), aplicativos

⁴¹ Robert L. Solso, “The human brain is the most complex system we know”, *Cognition and the visual arts* (Cambridge: The MIT Press, 1994), 27.

diversos e de fácil acesso via telefone celular, serviços cibernéticos de aconselhamento e assistência etc.

Como se vê, há luzes no fim do túnel.